

Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano
Artigos Seção Livre
Número 4. Junho 2014
© 2014 by UFF

Mídia, cotidiano e cidade. Construções e desconstruções da observação como um método

Media, everyday life and city. Constructions and deconstructions of observation as a method

Paulo Celso da SILVA ¹

Resumo: Utilizando a estética ensaística e a observação enquanto método de apropriação imediata do cotidiano, o texto pretende oferecer uma reflexão acerca das questões que envolvem o espaço, comunicação, mídia na sociedade atual. Esta é vista pela ótica da pós-modernidade na qual a relação espaço, virtual e flexibilidade a diferencia da modernidade em que o tempo, máquina e rigidez comandavam as ações e reflexões do dia a dia das pessoas. O aporte na comunicação é dado pela subárea da geografia da comunicação, utilizando obras que hoje podem ser consideradas clássicas nas ciências sociais e humanas. A figura do observador dialoga com o leitor sobre as questões que surgem no caminho cotidiano.

Palavras-chave: Mídia; cotidiano; cidade; geografias da comunicação; pós-modernidade.

Abstract: Using the aesthetic essayistic and observation as a method of immediate appropriation of everyday life, the text offers a reflection concerning the issues involving space, communication, media in society today. This is perceived from the perspective of postmodernity in which the relationship space, virtual and flexibility

¹ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Pós doutorado em Geografia Humana (2011-2002) na Universitat de Barcelona. Pós doutorado em Comunicação (2012) na UERJ. Docente e Coordenador do PPG em Comunicação e cultura da Universidade de Sorocaba/ São Paulo. E-mail: paulocel29@gmail.com.

differentiates it modernity in the time machine and stiffness commanded the actions and reflections of everyday people. The investment in communication is given by subarea geography of communication using works that can be seen today in the classical social sciences and humanities. The figure of the observer talks to the reader about the issues that arise in the everyday way.

Keywords: Media; everyday life city geographies of communication; postmodernity.

INTRODUÇÃO

A geografia da comunicação, a arquitetura, o urbanismo, entre outras áreas do conhecimento, vivem um momento no qual as possibilidades do estudo do espaço foram ampliadas. O espaço geográfico não deve ser entendido apenas como espaço construído, mas também, e principalmente, um espaço consumido, como espaço midiático. A afirmação de que "Mídia, antes de ser comunicação, é espaço" (SANTOS, 2007, p. 74) decorre do entendimento de Santos para os estudos de Debray, quando este indica a necessidade da nova disciplina, Midiologia, e estabelece uma relação imediata entre comunicação e geografia. E por que a geografia? A forma com que a percepção do espaço atinge às pessoas é através da velocidade das coisas, das mensagens, que estão circulando mundialmente.

O consumo do espaço aponta para um momento novo, ou nem tão novo para o capital, em que a globalização é vivida por cidadãos comuns no seu cotidiano. Essa "nova" categoria é definida por Santos como a "quinta dimensão do espaço", a

dimensão do acontecer, a dimensão do viver.

O cotidiano expresso no viver e na paisagem é posto como reino tanto da alienação quanto da liberdade. Nesse reino do acontecer não há lugar para grandes reflexões e, assim, as transformações espaciais vão se processando sem que o cidadão comum tome consciência delas.

A cada nova mudança no espaço (trajetos novos no trânsito, viadutos, condomínios exclusivos, etc.) o cidadão, sem se dar conta, recomeça um aprendizado dentro do espaço que toma como seu, mas que na verdade foge constantemente de seu controle. O cidadão apenas consome a cidade na forma que ela se apresenta imediatamente. Mesmo que esse imediato seja a cada dia um novo. Como dissemos, no reino do acontecer não há lugar para reflexões.

As construções e desconstruções do espaço são tomadas como necessárias ou inevitáveis pelo cidadão no seu trabalho diário de consumir a cidade. O acontecer e o viver mesclam-se no consumo diário da cidade. Daí a dificuldade em entender esse acontecer. Um novo caminho, um desvio, uma inauguração, uma praça são momentos vividos por muitas pessoas da cidade. Indiferentes, os cidadãos estão lá, passam por lá, apenas... A liberdade no cotidiano é sempre um devir.

Essa busca constante pode ser auxiliada por um fator muito simples: a observação. Primeiro momento de qualquer reflexão, a observação nos revela a aparência-nova. Aparência-nova que se põe como signo a ser decodificado pelo observador. Porém, tal decodificação parte obviamente de uma pré-ideação, um pré-conhecimento do observador.

A cidade do cotidiano toma novo significado, pois o olhar do observador difere do transeunte que apenas passa. Ao observador atento a cidade toma outra dimensão: a subjetividade. A cidade passa a ser, também, cidade subjetiva.

Esta somente aparece no diálogo do observador com os signos do consumo diário: outdoors, faixas, sinais de trânsito, desvios, pinturas novas, propagandas de

construtoras e imobiliárias. Esse contorno-entorno não é o mesmo dos mapas e plantas da cidade. Tudo se processa no interior do observador...

VAGAR PELA CIDADE

Como um detetive, o observador descobre os últimos moradores pelas marcas deixadas na casa. Calças, planos de saúde, etiquetas, crianças, músicas, tudo circulando pela cidade... Ao mesmo tempo, tudo imóvel. Parado.

O observador entra na circulação do espaço, no espaço. Percebe a importância do planejamento. Não o planejamento frio das prefeituras, mas o planejamento dos publicitários e suas mídias, cheio de cores e vida. Recebe a cidade-produto com entusiasmo e medo.

Entusiasmo pelo futuro urbano que aponta um número elevado de pessoas para as cidades. Daí vida, seres na rua e pela rua. Medo pelo futuro do pensamento que frequenta a cidade, circulação de pessoas e ideias. O destino da humanidade produzido nas cidades. Independentemente do tamanho, de quantos quilômetros bastam para percorrer uma cidade. O que conta é o espaço-tempo de circulação de tudo: pessoas, ideias, consumo.

O observador pensa no *flâneur* benjaminiano. Assim como, para ele, a cidade se abre para quem quer realmente a vir. Continua sua *visão da cidade*.

Não há o “saudosismo” de Baudelaire e sua Paris transformada pela modernidade. Olha e vê a cidade, olhando a pós modernidade. *Outdoors* e cartazes, invenções modernas transformadas pelos pós modernidade em espaços de percepção. Simulacros de espaços de compra, lojas de conveniência abertas para o delírio consumista do *Homus-urbanus-post-modernus*.

Não existe o “pessimismo” do Leminski de “Ler a cidade: o alfabeto das ruínas” (1986, p. 186). Não é a ruína que dá sentido à cidade, é o movimento de tudo.

Movimento das ruínas. Há o otimismo do mesmo Leminski de “Teses, Tesões” (1986, p. 11): “Toda tentativa de mudança exige reflexão. É preciso repensar a rota. Pesar e medir o passado”. Ou da citação chinesa “Quem não reflete, repete”.

A cidade não reflete. Espelho mágico da pós-modernidade, não espelha o passado de forma instantânea. Aliás, o instantâneo é pós-moderno. A cidade repete na diferença: templos horizontais nos subúrbios; templos verticais no centro do passado.

Não se trata de observar em pares opostos – dialéticos ou não – pois não existe a totalidade, existe o *flash*, o instantâneo. A cidade não reflete seus habitantes. Nem mesmo os ‘ilustres’. Estes tornaram-se ruas, passagens sem ligações com o passado. Circulação! A cidade não deseja os sentidos do passado. Quaisquer que sejam eles: maravilha, mar e maré, café, barões, tropeiros, fábricas.

O OLHAR POLAROID PÓS-MODERNO

O observador não quer a repetição. Quer reflexão.

Diante de um “novo momento”, os conceitos do observador parecem precários. O que é, afinal, cidade pós-moderna? “O pós-moderno cultiva... um conceito do tecido urbano como algo necessariamente fragmentado (HARVEY, 1994, p. 69)”. O pós-moderno é um projeto, um meio para, um paradigma... O pós-moderno É... Simplesmente. A fragmentação pós-moderna acontece também no discurso reflexivo que busca, na maioria das vezes, a totalidade. “Lyotard... define o pós-moderno simplesmente como ‘incredulidade diante das metanarrativas’ (HARVEY, 1994, p. 50).

Daí, ao decreto do fim da modernidade é um passo. Porém, a cidade pode não ser, ou não ter sido sempre, vista como uma narrativa coerente e totalizante. A cidade sempre foi “aos pedaços” para seus habitantes no cotidiano. A metanarrativa fica, ainda hoje, a cargo de planejadores e intelectuais na cidade das pranchetas e livros. Mesmo o observador não constrói uma metanarrativa da cidade, pois não a apreende como um

todo.

O cotidiano seria, então, pós-moderno em sua essência? Do ponto de vista do movimento, sim. De onde temos um cotidiano-intenso, no qual (HARVEY, 1994, p. 51):

A redução da experiência a uma série de presentes puros e não relacionados no tempo implica também que a experiência do presente se torna poderosa e arrasadoramente vívida e material: o mundo surge diante do esquizofrênico com uma intensidade aumentada, trazendo a carga misteriosa e opressiva do afeto, borbulhando de energia alucinatória. A imagem, a aparência, os espetáculos podem ser experimentados com uma intensidade (júbilo e terror) possibilitada apenas pela sua apreciação como presentes puros e não relacionados no tempo... O caráter imediato dos eventos, o sensacionalismo, do espetáculo (político, científico, militar, bem como da diversão) se tornam matéria de que a consciência é forjada.

Assim, o cotidiano-intenso pode ser o reino da liberdade, já que, a alienação, neste momento não ocorre pela fragmentação do sujeito pois, como explica o próprio Harvey, “já não podemos conceber o indivíduo alienado no sentido marxista clássico, porque ser alienado pressupõe um sentido de eu coerente, e não-fragmentado, do qual se alienar” (1994, p. 57).

Olhando ao seu redor, o observador verifica que a cidade já não é a mesma. À luz de suas indagações, percebe que aquela arquitetura, “feita para não agredir a paisagem”, é uma argumentação moderna. Os passantes são modernos, os automóveis são modernos, a forma como o trânsito é organizado é moderna, o caos urbano é moderno. Enfim, onde estaria o pós-moderno? O fragmentado? O fragmentário?

A imagem-fluxo, o presente-puro, a interatividade, mundos virtuais, comunicação de massa individualizada, tudo isso deve ser observado mais de perto, pois sugere outra cidade.

Essa “outra cidade” faz desaparecer também certa geografia, que pretendia restringir as análises no espaço físico, no aparente natural de suas montanhas, rios e relevos. À geografia cabe agora, também, o espaço virtual em suas análises. E todas as consequências desse acréscimo. O observador deve buscar cidades midiáticas, cidades

virtuais, para se ver na pós-modernidade? Será ele, assim, pós-moderno? É melhor observar melhor, um pouco mais, a cidade.

De um lado os bairros ditos nobres, ligados por vias nobres, segregados por nobres muros e discretamente ligados ao centro antes nobre. Do outro lado os bairros ditos populares, ligados por ‘marginais’(!) populares e, aparentemente, desligados do centro, antes nobre.

O observador pensa na metáfora das ‘marginais’. Óbvio que a palavra é ‘marginando o rio’, mas é possível pensá-la ligando ‘marginais à marginal’. Quem seriam os ‘marginais do momento pós-moderno’?

Certamente não são aqueles da visão Baudelariana da modernidade que exclui os pobres, aquela “família de olhos” impedidas de frequentarem os lugares ‘nobres’, como relata Berman em seus estudos sobre a modernidade no século passado (1990, p. 137).

Os excluídos da pós-modernidade estariam – ou estão – distribuídos em ilhas. Assim, excluídos são os que não estão ou não possuem a máquina.

O observador reflete o cotidiano, toda aquela sensação de máquinas que povoou imaginários modernos desde o início do século XX diminuiu ou mesmo acabou? Na vida digital toda a rotina das pessoas está dentro do computador: o jornal *on-line*, o serviço da empresa, a lista de compras, o banco *on-line*, os brinquedos das crianças, o vírus que será presente para um amigo como despedida de solteiro, etc. Caso o computador seja roubado, é a vida diária que se leva e não apenas uma máquina! Como explicar ao gerente ou presidente da empresa que você não enviou via rede o serviço do dia porque foi roubado?

Como fazer *backup* de seu cotidiano? São questões hilariantes da vida informatizada num país de graves contrastes sociais. Nem por isso menos importantes. A cidade virtual do nosso cotidiano, misto-mito de espaço real e virtual é operada por computadores e pessoas, difere da cidade “física-normal”, aquela com seus prédios, congestionamentos, circulação de pessoas e ideias. Com esses novos parâmetros, o

tempo e o espaço passam a ser necessariamente outros. A materialização da cidade deve ser encarada de forma diferente, pois, a materialização já não é a mesma.

Mesmo a “população” é composta de uma *única pessoa*. E os ‘estudos demográficos’ devem levar isso em consideração. Na rede tudo é personalizado, único, digital. Não é mais necessária a presença num determinado local para que estejamos nesse local. Pessoas poderão libertar-se da “geografia tradicional” em que hoje vivem.

O tempo real será menos importante. O mesmo acontecendo com o espaço.

HIPÓTESES-TENDÊNCIAS

Numa sociedade de tecnologias mutantes e mutáveis o conceito de Atrator Estranho aponta outras nuances nas questões das constantes mudanças do corpo social influenciadas pelas altas tecnologias.

Se a “função da teoria é antecipar”, como afirma Baudrillard, então, temos que olhar por cima dos ombros do futuro.

Porém, esse resolver não deve sugerir certezas, fórmulas [mágicas ou não], ordenação, etc. e sim hipóteses.

Em um de seus textos, Milton Santos sugere o futuro como tendência, aqui também.

Teremos ou temos hipóteses para dar conta do futuro.

Ou ainda hipóteses-tendências para o corpo social do momento tecnológico. De certa forma, essas hipóteses-tendências conhecem uma ordem, mas não ordem no sentido sequencial dos fatos, não ordenação, não aquela ordem a que se pretendiam as várias facções que disputavam – disputam – o poder no mundo: os atratores estranhos são regularidades, representam a busca de regularidades naquilo que é mais improvável.

Se pensarmos na miniaturização para a comunicação global, podemos começar a refletir sobre a existência de um homem-global e aí, o atrator estranho não é mais um

sistema – ou macrossistema caótico – mas cada pessoa é um sistema interligado a outros sistemas. O homem-global carrega a Prótese de Silício, alta tecnologia acoplada ao corpo, terminais nervosos de redes diversas pós-internet.

O corpo social transforma-se. Os contatos: primeiro humano-físicos. Depois maquínicos em agenciamentos diversos. Agora híbridos. Simbiose de homem-máquina. Componentes ligados ao corpo para comunicação global. O homem semiconductor em contato com outros semicondutores.

O corpo humano transforma-se. Há possibilidade de ser tocado a qualquer hora quando estou ‘gravado e salvo’ no computador de alguém, como parte de um programa qualquer de imagens.

A imobilidade é outra questão aberta e discutível. Considerando que estamos “presentes” nas redes em qualquer parte do mundo e, mesmo em várias partes, como podemos falar em “mobilidade/ imobilidade”?

Os parâmetros de movimento não podem ser os mesmos usados hoje. Estamos diante de novos fenômenos sociais engendrados pela alta tecnologia. A sociedade que se instala não parece que abolirá os contatos físicos entre as pessoas. Ao contrário, ampliará as formas desses contatos.

Pelo que vemos hoje em nossas experiências cotidianas, a tendência é a libertação do homem das atividades rotineiras, possíveis de serem executadas pelas máquinas, com ganho de tempo para o convívio social humano. Porém, como já dissemos anteriormente, existem hoje os integrados e os excluídos tecnologicamente.

Também isso é uma hipótese que nossa prática atual sugere continuidade. Nada exclui, portanto, a hipótese de uma “mudança radical”, embora nos pareça quase impossível hoje.

RETICÊNCIAS...

Depois dessas reflexões-observações, o observador para.

É necessário um fechamento, ainda que não definitivo, de suas reflexões-observações. Cidade. Cidade virtual. Redes. Cotidiano. Imaginário. Prótese de silício. Atrator Estranho. Imobilidade. Imagens. Cyberspace. Tempo. Novos signos. Repetição. Fragmentos. Pós-moderno.

A condição pós-moderna atual fragmenta, mais e mais, o homem no mundo. O cotidiano passa a ser estilhaço de vida pela velocidade, cada vez maior, dos fenômenos. A cidade virtual é um conjunto de fragmentos virtuais fugitivos. De repente, o 'cidadão virtual' pode perder o contato em um *rush* virtual.

O mundo do homem é de classes sociais, diferenças gritantes na maioria das vezes. Mundo de muitos para poucos usufruírem.

Nos países subdesenvolvidos um número crescente de homens, de todas as idades, tem como *virtual* apenas o básico: alimentação, transporte, saúde, consumidos em imagens de painéis e televisões.

O repensar no mundo do homem pós-moderno não é uma busca da totalidade, mas da intensidade da condição humana no mundo colorido da estética. O debate ético da condição material da estética, da possibilidade de possuir, cede lugar à estética em-si-mesmo (HARVEY, 1989, p. 56).

Ter a imagem de, ser a imagem de vale mais que a própria imagem, Podemos dizer que não é a cópia, pois esta é, ou pode ser entendida como, imagem dotada de semelhança. É na verdade, imagem sem semelhança: Simulacro Midiático.

O conceito de simulacro+mídia parece andar de mãos dadas com o conceito de pós-moderno. A cidade virtual com seu cyberspace não é cópia de nada, mas simulacro midiático. É o que Foucault chama de **heterotopia**: a coexistência num espaço impossível de um grande número de mundos possíveis fragmentários (HARVEY, 1989, p. 52).

A cidade virtual apresenta a condição principal da pós-modernidade: a impossibilidade de discuti-la como condição histórico-geográfica (HARVEY, 1989, 76) não está em nenhum lugar e pode ser acessada de qualquer lugar. Não exige tempo real mas possibilita isso. Tudo soa como passageiro, mas na verdade, o processo é medido em velocidades cada vez maiores. A democracia eletrônica é mais estética que ética. É imagem, ser informatizado ou não.

O observador olha ao lado.

Teorizar já não é mais a mesma coisa que antes. Sua teoria é *flash*, rápida, instantânea. A profundidade não é mais uma necessidade intelectual.

O observador reflete... e duvida do espelho.

INSISTÊNCIA ESPAÇO - TEMPORAL

O observador repara. O espaço não pode estar, assim, tão em segundo plano quanto parece. Lembra-se que isso é a pesquisa: ultrapassar as aparências. Chavão acadêmico... O virtual é simulacro do espaço, mas é espaço: a metrópole virtual não ocupa espaço em redes, **é o espaço**. Por que a primazia do tempo marxista ortodoxo? Senão ortodoxo, pelo menos pouco afeito às mudanças. “A profecia implica, agora, uma projeção mais geográfica do que histórica; é o espaço, e não o tempo, que esconde de nós as consequências” (SOJA, 1993, p. 116).

E, mesmo assim, temos que ter clareza de que a história não acabou e nem o espaço ‘aflorou’, mas, as nossas experiências espaço-temporais é que foram alteradas pelas tecnologias de comunicação. Exemplo cotidiano disso: temos mais paciência na fila do ônibus (moderno) do que em frente ao caixa eletrônico (pós-moderno) do banco ou de um *smartphone* lento. O observador busca reflexões em outras fontes...

DEVIR URBANO

Em sua passagem pelo Brasil em 1992, Félix Guatapi participou do colóquio organizado pela UNESCO apresentando “Restauração da Cidade Subjetiva” (1992, p. 169) de onde o observador pode retirar algumas “sugestões” para suas indagações.

O autor assim conceitua a Cidade Subjetiva: “... engaja tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos. De fato, trata-se de todo o porvir do planeta e da biosfera (1992, p. 169).”

E, segue Guattari levantando a questão do “que serão as mentalidades urbanas do futuro?” E ele mesmo oferece um caminho acrescentando que “... levantar essa questão já é um pleonasma, na medida em que o porvir da humanidade parece inseparável do devir urbano (1992, p. 172).”

O devir urbano está ligado à forma como pensamos hoje, como conhecemos hoje o mundo.

O observador reflete sobre a forma como conhece o mundo... “fordistamente”. Lembra-se de Gramsci (apud Harvey, 1994, p. 121) para quem o

O fordismo e o americanismo equivaliam ao ‘maior esforço coletivo até para criar, com velocidade sem precedentes, e com uma consciência de propósito sem igual na história, um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de homem’. Os novos métodos de trabalho ‘são inseparáveis de um modo específico de viver e pensar e sentir a vida’.

Conclusão óbvia: o fordismo como uma nova forma de ver o mundo. Mas, estaríamos ainda vivendo nesse mundo? Não seria necessário romper até mesmo com o pensamento seriado, flexibilizar o cotidiano?

CONCLUSÃO: OBSERVAR E EMOCIONAR

O observador indaga o mundo: que mundo é esse onde tudo parece que se perde

em teorizações e a vida acontece, rapidamente, nas ruas das cidades “independente” delas?

Parte então para um novo momento de sua pesquisa, talvez o mais importante deste final de século: A EMOÇÃO!

Não importa mais apenas observar. O homem do cotidiano flexível pode sentir, tem tempo-espaço para sentir. Aquela rigidez do fordismo não possibilitava a plenitude das sensações. Era necessário, antes de tudo, disciplina, sisudez, para dar conta da, constante, “linha de produção” imposta na vida cotidiana.

O mundo globalizado aponta sua contradição-solução mais evidente: a fragmentação. Quanto mais globalizado, mais fragmentado o mundo reaparece. Nesse globalizar-fragmentar, grupos afloram. A vizinhança passa a ser uma escala geográfica importante na vida das pessoas. Vizinhança que pode ser não apenas física, mas cultural, religiosa, de trabalho, etc.. Afirma SANTOS (1996, p. 256) “A noção de co-presença ...ganha nova dimensão quando associada à noção e à realidade geográfica da vizinhança...O território compartilhado impõe a interdependência como práxis”.

E, mais importante:

O intercâmbio efetivo entre pessoas é a matriz da densidade social e do entendimento holístico...e que constituem a condição desses acontecimentos infinitos, dessas solicitações sem-número, dessas relações que se acumulam, matrizes simbólicas que se multiplicam, diversificam e renovam. A noção de “emoração”, encontra seu fundamento nessas trocas simbólicas que unem emoção e razão (SANTOS, 1996, p. 256).

Na primeira de suas viagens ao Brasil, o italiano Massimo Canevacci chegou à cidade de São Paulo exatamente no período de carnaval, quando tudo para no país. Sem conhecer ninguém e nada, o italiano foi auxiliado por uma funcionária do Instituto Italiano de Cultura, que chegou a ajudá-lo financeiramente, pois não tinha cruzeiros no bolso e os bancos estavam fechados (Canevacci, 1984, p. 13). Essa história pessoal

antiga pode acontecer diariamente em qualquer cidade do mundo.

O italiano perdeu-se da e pela cidade. Sentiu a cidade. Emocionou-se pela cidade, na cidade. Emoção *flâneur* do estrangeiro. Porém, essa emoção transforma-se com o conhecer da cidade. Dialeticamente, a cidade vai-se compondo no imaginário entre todo-fragmentos. O antes estrangeiro emociona-se com uma nova composição da cidade que explora. Dialeticamente as emoções vão trabalhando outro cotidiano.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshal - Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Cia das letras, 1990.
- CANEVACCI, Massimo - A cidade Polifônica - Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel , 1984.
- GUATTARI, Félix – CAOSMOSE. um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- HARVEY, David - A condição Pós-Moderna, São Paulo:Loyola, 1994.
- LEMINSKY, Paulo - Anseios Crípticos – Curitiba:Criar ,1986.
- SANTOS, Milton - A natureza do espaço - técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SOJA, E. W. - Geografias Pós-Modernas - A reafirmação do espaço na teoria social crítica.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.